

UM OLHAR SOBRE A MORTE NA LITERATURA MODERNA E PÓS-MODERNA

Lourdes Vivian Alexius ¹

Lourdes Kaminski Alves ²

Rita das Graças Félix Fortes ³

Resumo: Pretende-se, no presente artigo, discorrer sobre o tema da morte, no intuito de entender como a filosofia e as obras *Os vivos e a morte* (1977) e *A casa & a rua* (1997), de Jean Ziegler e Roberto Damatta, a definem, e como a sociedade, através de manifestações na literatura moderna e pós-moderna, se expressa diante desse fenômeno. Trata-se, portanto, de uma tentativa de estender o olhar para além do que considera-se ser fato banal, para enxergar-se o que o olho distraído não vê.

Palavras-chave: Morte, mistério, manifestações literárias.

Abstract: The present article intends to run or flow over about the death theme, in intuito of understanding as the philosophy and the works *The alive and the death* (1977) and *A home & the Street* (1997), by Jean Ziegler and Roberto Damatta, defines, and how the society, through manifestations in the modern and pos-modern literature, expresses itself in front of this phenomenon. Therefore it is about an attempt to extend the look on the other side of in addition what is considered a banal fact and to see what the distracted eye does not see.

Keywords: Death, mystery, literary manifestations.

Remontando-se à história, difícil é encontrar alguma forma de expressão social, documentada ou não, que tenha se furtado à sondagem do terreno do pós-vida. Canta-se a morte em composições poéticas, nos seus mais variados gêneros, musicalizados ou não; ritualiza-se a morte em todos os credos; desenha-se, pinta-se, esculpe-se a morte em todas as épocas, escreve-se a morte em toda a literatura universal, enfim, tanto na simbologia quanto na realidade celebra-se a morte. Ela é, segundo Ziegler (1977), referindo-se ao pensamento irônico de Voltaire, o fim violento, desfecho que a vida não revoga. Esse fim, a que estão submetidos todos

¹ Mestre em Letras pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE.

² Doutora em Teoria Literária e Literatura Comparada e Docente da UNIOESTE, Campus de Cascavel-PR.

³ Doutora em Literatura Comparada e Docente da UNIOESTE, Campus de Marechal Cândido Rondon-PR.

os homens de todos os credos e de todas as classes, imprime-se na conduta do homem no que tangue às suas realizações; sejam elas individuais ou coletivas.

As religiões alertam: o homem deve lembrar-se de que proveio do pó e a ele retornará. Contudo, o ser dotado de razão parece ignorar a advertência e comporta-se cotidianamente como se não estivesse consciente da sua finitude na terra. Assim, no Ocidente, por exemplo, fundamenta-se a existência em projetos cujas realizações dependem do futuro. Tal tempo, segundo Santo Agostinho (1999), compete ao plano de expectativas, portanto, não lhe pertence. Por que, então, a realização pessoal vincular-se à dependência de um contínuo vir a ser? A resposta à indagação encontra-se, talvez, nas palavras de Max Weber:

O homem civilizado, colocado no meio do enriquecimento continuado da cultura pelas idéias, conhecimento e problemas, pode ‘cansar-se da vida’, mas não ‘saciar-se’ dela. Ele aprende apenas a minúscula parte do que a vida do espírito tem sempre de novo, e o que êle aprende é sempre provisório e não definitivo, e portanto a morte para êle é uma ocorrência sem significado. (WEBER, 1904, p. 164)

Talvez seja por não ver na morte significado algum é que o homem a teme; afinal, ela lhe ameaça o futuro, tempo que, incessantemente, está a buscar. Assim, inquieto, e à espera de uma explicação que lhe apazigüe a alma, vê-se diante de uma questão que se repete em todas as gerações: por que temos que morrer? Guimarães Rosa, no conto “Nenhum, nenhuma”, responde: “E quem é que sabe? E para que saber porque temos de morrer?” (ROSA, 1975, p. 55)

O filósofo Nietzsche argumentou: “guardemo-nos de dizer que a morte é oposta à vida. O vivente é somente uma espécie de morto, e uma espécie muito rara”. (NIETZSCHE, 1999, p. 184) Parece não comungarem com essa filosofia os adeptos às práticas promovedoras da longevidade humana. Assim o comprovam campanhas sociais fomentadoras da importância dos exercícios físicos, da alimentação saudável, dos tratamentos psicológicos, enfim, das práticas múltiplas capazes de adiarem a morte. Além do que, na concepção de Eliade (1992), o homem executa, por conta de sua herança imemorial, uma série de ritualismos, com o fim de afastar os inimigos, seja de que natureza forem, pois todos apresentam-se como indicativos de morte.

Embora a morte seja explicável objetivamente, o mistério da morte é mistério por excelência. A morte, segundo Damatta, “é um problema filosófico e existencial moderno”. (DAMATTA, 1997, p. 133). E, nesse contexto, o homem vive a experiência do isolamento, do abandono à própria sorte. Dessa forma, despojado da promessa de vida eterna, preconizada na Idade Média, a morte já não é mais, conforme Ziegler (1977), um passaporte para o além, ainda que puguem em contrário algumas religiões. Assim, o homem moderno, só, vive o conflito provocado por um fenômeno que lhe é incompreensível, porque a experiência deste fenômeno, ele a tem unicamente na presença de um outro. A morte, portanto - como todos os fatos, por mais que se apresentem elucidados - guarda, sempre, uma ponta de mistério. Guimarães Rosa, no conto “A benfazeja” afirma: “ninguém entenderá

nada, jamais; esta é a prática verdade”. (ROSA, 1975, p. 133). Falar da morte, segundo Damatta, compreende “uma atitude moderna e destemida diante da vida, e uma postura resignada face a um momento que, um dia, se espera, será decifrado como tudo o mais”. (DAMATTA, 1997, p. 136)

No campo da comunicação diária propriamente dita, várias construções lingüísticas prenes de metáforas veiculadas pela linguagem poética incumbem-se de suavizar o sentido negativo da morte incrustado na mente humana. O termo “morte”, para muitos seguidores do misticismo e também para grande número de pessoas que se consideram a-religiosas, parece caracterizar-se de fonemas ásperos, desagradáveis ao ouvido, por isso o hábito de não pronunciá-lo senão por eufemismos: *Fulano entregou a alma a Deus; partiu desta para outra melhor; dormiu o sono eterno*, entre outros. Há, ainda, expressões jocosas, que visam ridicularizar a morte. Por exemplo: *Abotoou o paletó; juntou os pés aos calcanhares, bateu com o rabo na cerca* e outras.

O medo da morte sempre ultrapassou os limites da realidade e adentrou aos da ficção. A menina que passeia com o laço verde no cabelo, por exemplo, no conto “Nova velha estória” de Guimarães Rosa, ao deparar-se com a morte, assim se expressou: “Vovozinha, eu tenho medo do lobo!...” (ROSA, 2001, p. 112). A exclamação encontra eco na concepção de Ziegler, “a morte se aproxima de nós mascarada”, (ZIEGLER, 1977, p. 130) e a menina do conto clássico, *Chapeuzinho Vermelho*, que antes percorria inocente os caminhos da sedução descritos por Perrault, ganha, agora, maturidade diante do espetáculo com que se depara no ponto de chegada. Despido e, posteriormente, mascarado, o lobo assume então a identidade da morte. Guimarães Rosa, com um estilo muito particular no trato da palavra, faz a morte camuflar-se em diferentes roupagens em muitos dos seus escritos, como nos contos “A benfazeja” (1975), “A terceira margem do rio” (1975) e “Sorôco, sua mãe, sua filha” (1977). Tanto no primeiro como nos últimos, seus protagonistas vão para não voltar, ou seja, vão para morrer. Consciente ou inconscientemente, o homem caminha rumo à morte. Aliás, o viver é, por si mesmo, incerto. E o próprio Guimarães Rosa, em *Grande sertão: veredas*, enfatizou: “viver é negócio muito perigoso”. (ROSA, 2001, p. 26)

Muitos clássicos celebrizaram-se na literatura universal, descrevendo enfaticamente o percurso da morte, porque sabem os seus autores que esse assunto tem coro em todas as sociedades. Afinal, não choram os apaixonados leitores de Shakespeare o fim trágico de Romeu e Julieta? E os espectadores da vida, condoidos, a exemplo da família de Fabiano, não lamentam a tragédia da cachorra Baleia, moribunda, a sonhar com preás, numa alusão à morte da fome, em *Vidas Secas* (1972)? E aqueles que defendem o princípio constitucional do direito à vida não abominam a cumplicidade do clero na morte do filho de Amélia, em *O crime do padre Amaro* (1973)? O que dizer, então, de Dom Quixote de la Mancha? A morte não lhe interrompe a fascinante trajetória da loucura?

Mas a morte, na sua ambigüidade, não atrai unicamente a maldição coletiva; ela representa, de certa forma, o momento catártico, como se fosse uma lei que se executa na sociedade para fazer justiça. Nesse aspecto, o leitor, adepto aos ideais de liberdade, ao ler as últimas páginas de *O Ateneu* (1997), de Raul Pompéia, congratula-se com a personagem Sérgio e liberta-se da tensão quando realiza, na morte simbólica do educandário, a vingança contra a opressão. Também em “Quatro bandidos”, na obra *Lincha tarado* (1980), de Dalton Trevisan, a morte é bem-vinda. Anuncia-se na promessa da polaca e se consuma na vingança do filho. E, em *Memórias póstumas de Brás Cubas* (1997), de Machado de Assis, o leitor, da mesma forma, exalta, junto ao narrador, a passagem do homem para o transcendente.

Na vida, o olhar da opinião, o contraste dos interesses, a luta das cobiças obrigam a gente a calar os trapos velhos, [...] Mas, na morte, que diferença! que desabafo! Que liberdade! Como a gente pode sacudir fora a capa, deitar ao fosso as lentejoulas, despregar-se, despintar-se, confessar lisamente o que foi e o que deixou de ser! (ASSIS M., 1997, p. 62)

Vestir a vida com a carapuça da morte foi também recurso da literatura com vistas a ludibriar a censura brasileira no período da ditadura militar. É o caso do romance *Incidente em Antares* (1994), de Érico Veríssimo. Suas personagens mortas ressuscitam e, em praça pública, vingam-se dos coronéis gaúchos, denunciando as injustiças que a política daqueles mandatários e latifundiários os obrigou a calar. De certa forma, as personagens de Veríssimo imitam Brás Cubas, de Machado de Assis, já que, em vida, à força das circunstâncias, tiveram que *calar os trapos velhos*.

Conforme a obra *A casa & a rua* (1997), a morte mantém seu caráter relacional com o mundo dos vivos. Infere-se que nesse fato está a justificativa para muitos pedidos. Mário de Andrade, por exemplo, numa das cartas enviadas a Amoroso Lima, lembra ao amigo: “tenho sempre na minha pasta de escrevaninha uma carta pedindo, caso eu morra, que meus inéditos sejam destruídos. Principalmente anotações”. (ANDRADE *apud* LOPES, 1988, p. 402) E na literatura contemporânea, a personagem João, do conto “Eis a primavera”, pede encarecidamente ao irmão: “– Depois que eu... Não deixe que ela me beije!” (TREVISAN, 1992, p. 17-18) No conto *De Morte!* (1992), de Ângela Lago, o velhinho pede à morte que não o moleste.

O que perpassa na consciência de quem pede, se a efetiva realização do seu desejo cabe à posteridade, tempo que só pode responder aos vivos? Não seria o desejo de dar continuidade a uma empreitada que jamais se conclui, porque nela o objeto do aprendizado do homem, segundo Max Weber (1904), é sempre provisório? “Morto ou vivo, o homem é servo da vida. Graças ao transe, ele é também o mestre da vida. E esta existência não tem fim”. (ZIEGLER, 1977, p. 124) Exemplificando, em “Dançando com o morto” (2002), conto de Ângela Lago,

o morto volta a ter contato com os vivos e insiste em permanecer com eles. E, em “O peru de natal”, de Mário de Andrade (1947), a evocação da memória do morto liberta a família.

A preocupação com o destino humano pós-vida continua a se manifestar na contemporaneidade. Assim, ao referir-se aos órgãos do corpo, tanto aqueles que se declaram doadores quanto aqueles que discordam desse gesto parecem revelar a crença numa vida eterna. Os doadores podem estar, em um último gesto de generosidade, ajudando os vivos. E muitos não doadores temem que seus órgãos sejam retirados antes da morte e eles acabem morrendo por isso. Esses dados dizem respeito a uma observação da sociedade a olho nu; uma pesquisa fundamentada no conhecimento sociológico poderia conferir mais precisão aos fatos constatados, uma vez que “o cotidiano é o lugar privilegiado de análise sociológica”. (PAIS, 2003, p. 72)

O desejo de imortalidade, mascarado ou às vezes explícito no agir cotidiano, pode ser entendido no pensamento de Pouillon (1974), qual seja: “o meu presente, de onde parte o meu futuro, já me aparece como passado, ultrapassado, e eu me atiro ao cabo de minha ação para um futuro que, para mim, é o mais presente”. (POUILLON, 1974, p. 154) Assim procedeu Sherazade, no relato das suas mil e uma histórias ao rei Sharyar. A morte, antes em vigília, submete-se depois ao poder sedutor dos contos e rende-se à vida.

Essa necessidade de se manter a vida no curso dinâmico das ações, Heidegger exemplifica afirmando que “embora estejamos sempre suficientemente velhos para morrer, nunca o estamos bastante para não podermos viver mais um pouco”. (HEIDEGGER *apud* POUILLON, 1974, p. 95)

João, a personagem do conto “Eis a primavera” (1992), de Dalton Trevisan, acredita que o sol o deixará bom e espera a chegada da primavera, símbolo da vida, que vence o inverno, símbolo da morte. Tanto na realidade como na ficção, poucas pessoas manifestam o desejo de morrer. E mais, são fartas as práticas sociais em favor da vida: promessas, rezas, enfim, ritos diversos. Elas comungam, de certa forma, com a profecia de Jesus: “Eu vim para que todos tenham vida, e a tenham em abundância”. (JOÃO, cap. 10.v.10-11)

Evidentemente, tal constatação refere-se, principalmente, ao comportamento dos religiosos ocidentais e, dentre estes, àqueles que consideram a vida como o bem maior. Não se justifica, nesse estudo, adentrar-se ao terreno das crenças religiosas pregadoras da morte como possibilidade de um encontro com Deus. Não há argumentos que amparem as discussões relativas à fé.

É difícil, talvez impossível, enumerar os episódios que conferiram à morte a garantia de sucesso de tantas histórias na literatura universal. E elas prosseguirão metamorfoseando-se em outros espaços, em novas personagens, revezando-se análogas em tempos diferentes. A loucura das personagens de “Sorôco, sua mãe, sua filha”, conto de João Guimarães Rosa, retornará travestida em outros enredos; a vingança descrita nos contos “Quatro bandidos” e “O pai, o chefe, o rei”,

de Dalton Trevisan, voltará fazendo outras vítimas; as personagens que estão sob a iminência da morte, como nos contos “De morte!”, de Ângela Lago, e “Eis a primavera”, de Dalton Trevisan, continuarão a fazer os seus pedidos; as lembranças do passado, revividas em “Vestida de preto” e “O peru de Natal”, de Mário de Andrade, virão à tona em outras cenas; a personagem do conto “Fita verde no cabelo (Nova velha estória)”, deparar-se-á com outros perigos; outros homens adentrarão o labirinto da terceira margem do rio, e outros mortos dançarão com os vivos sob o ritmo de outras músicas, a exemplo dos contos “A terceira margem do rio”, de Guimarães Rosa e “Dançando com o morto”, de Ângela Lago. Ora, o próprio filósofo assevera: “nunca se acaba o que estava sendo pronunciado nem se diz outra coisa para dar lugar a que tudo se possa dizer, mas tudo se diz simultânea e eternamente”. (SANTO AGOSTINHO, 1999, p. 316)

E, da mesma forma como as coisas são ditas, são também compreendidas pela mediação dos homens nas suas relações com os outros. O teórico afirma: “não sabemos, aliás, que sentido teria a expressão: compreensão irreal: eu só compreendo um personagem de romance porque posso compreender o meu vizinho”. (POUILLON, 1974, p. 107) Isto não equivale a dizer que as coisas ditas devam se constituir, segundo Santo Agostinho (1999), numa terminologia exata, o que também parece impossível, mas sim de entender-se o que se pretende dizer.

A ficção tem explorado de formas variadas o tema da morte; por meio da expressividade literária, o espírito macabro das sepulturas pode transportar o homem a momentos de epifania. Contudo, se ele sair do campo da conotação, provavelmente afastará da vista os sinais que o lembram da morte e desviará os caminhos que vão dar nos cemitérios ou nas casas funerárias. É o medo latente do cotidiano que se faz no paradoxo: “ser é apenas uma face do não ser”, para retomar um verso do poema “O relógio”, de Cassiano Ricardo (2003).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ASSIS, Machado. *Memórias póstumas de Brás Cubas*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1997.

BIBLIA SAGRADA. *João cap. 10. V. 11*. São Paulo: Paulus, 1991. p. 1370.

CERVANTES de SAAVEDRA, Miguel de. *Dom Quixote de la Mancha*. Trad. Viscondes de Castilho e Azevedo. São Paulo: Abril Cultural, 1981.

DAMATTA, Roberto. Morte. In: *A casa & a rua*. 5. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

ELIADE, Mircea. O espaço sagrado e a sacralização do mundo. In: *O sagrado e o profano*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

LOPES, Telê Porto Ancona (coord.) *Macunaíma o herói sem nenhum caráter/ Mário de Andrade*. Brasília: CNPq, 1988.

- NIETZSCHE, Friedrich. Livro III. In: *Obras incompletas*. Trad. Rubens Rodrigues Torres Filho, São Paulo: Nova Cultural, 1999.
- PAIS, José Machado. Paradigmas sociológicos na análise da vida cotidiana. In: *Vida cotidiana: enigma e revelações*. São Paulo: Cortez, 2003.
- POMPÉIA, Raul. *O Ateneu*. São Paulo: Publifolha, 1997.
- POUILLON, Jean. *O tempo no romance*. Trad. Heloysa de Lima Dantas. São Paulo: Cultrix, 1974.
- QUEIRÓS, Eça de. *O crime do padre Amaro*. São Paulo: Formar, 1973.
- RAMOS, Graciliano. *Vidas secas*. 30. ed. São Paulo: Martins, 1972.
- ROSA, João Guimarães. *Grande sertão: veredas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
- _____. *Ave, palavra*. 5. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1991.
- _____. *Primeiras estórias*. São Paulo: José Olympio, 1975.
- SANTO AGOSTINHO. Livro XI. O homem e o tempo. In: *Confissões*. Trad. J. de Oliveira Santos et al. São Paulo: Nova Cultural, 1999.
- SHAKESPEARE, William. *Romeu e Julieta*. Trad. Carlos Alberto Nunes São Paulo: Publifolha, 1999.
- TREVISAN, Dalton. Eis a primavera. In: *Vozes do retrato*. 8. ed. São Paulo: Ática, 1992.
- VERÍSSIMO, Érico. *Incidente em Antares*. 43. ed. São Paulo: Globo, 1994.
- WEBER, Max. A ciência como vocação. In: *Ensaio de sociologia*. Trad. Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Zahar, 1904.
- ZIEGLER, Jean. A máscara da morte. In: *Os vivos e os mortos*. Trad. Aurea Weissemberg. Rio de Janeiro: Zahar, 1977.